

As razões do jornalismo e as novas necessidades para a formação profissional

Giovanni Bechelloni

Resumo

Neste artigo, o autor apresenta elementos para ampliar os debates a respeito do papel do jornalismo em uma sociedade que está mudando radicalmente. A partir do elenco de funções essenciais e não elimináveis do jornalismo, ele interpreta que as transformações sociais em andamento e as inovações tecnológicas não modificam a necessidade social de informação. Isto porque a informação de atualidade, produzida a partir das várias formas de jornalismo, representa a principal fonte de conhecimento sobre o mundo social para a maior parte dos seres humanos.

Palavras-chave: jornalismo, comunicação, globalização.

Abstract

In this article the author presents elements to enlarge the debates regarding the role of the journalism in a society that is radically changing. Starting from the cast of essential and non dispensable functions of journalism, he interprets that the social transformations in process and the technological innovations do not modify the social need for information. This happens because the present information, produced from several forms of journalism, represents the main source of knowledge on the social world for most part of the human beings.

Key words: journalism, communication, global economy.

Sem jornalismo não há democracia. (Alexis de Tocqueville)

O JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO

Poderia começar escrevendo: “o jornalismo tem razões para ser bem vendido mas não consegue ser entendido pelos consumidores, principalmente na Itália”. Na Itália, de fato, é mais freqüente do que em qualquer outro lugar ler críticas ao jornalismo, escutar denúncias e lamentações. *Maledetti giornalisti* se intitula um

dos últimos *pamphlet* (Foffi, Lerner e Serra, 1997). Eu mesmo, em tantos anos dedicados a fazer pesquisa sobre jornais e jornalistas¹, talvez tenha contribuído mais para criticar o jornalismo italiano do que para melhorá-lo. No entanto, estou profundamente convencido de que o jornalismo, entendido em sua dupla capacidade de oferecer seja informações sobre a atualidade seja comentários e interpretações para contextualizá-la, tenha desenvolvido, e ainda desenvolva, funções essenciais e não elimináveis. Funções que as transformações sociais em andamento e as inovações tecnológicas não modificam. Ou melhor, modificam somente na aparência.

O fato é que nos encontramos em meio a

Giovanni Bechelloni nasceu em Florença, em 1938, é sociólogo de formação, mas jornalista e amante do jornalismo por opção, professor na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Florença, onde coordena um programa de Pós-Graduação na área de Meios de Comunicação. Coordena, ainda, junto com a Profa. Milly Buonanno, o Centro de Estudos *Il Campo*, em Roma.

¹ Eu comecei a escrever sobre jornais e jornalistas em 1962 e o meu último livro sobre o assunto é de 1995: Bechelloni, 1995.

Textura	Canoas	n. 1	2º semestre de 1999	p. 37-43
---------	--------	------	---------------------	----------

um intenso e profundo processo de mudança social e cultural que gera um pouco em nós ânsias, resistências e verdadeiros e próprios medos. Trata-se de um processo de mudança que já provocou, em outros países e também em nós, radicais transformações nas empresas, na maneira de exercitar as profissões e de fazer política. Os meios de comunicação social e o jornalismo foram, e são eles mesmos, protagonistas de tais radicais transformações. Eles tornaram visíveis e estão relatando estas transformações. São obrigados a extrair delas as consequências para si próprios se quiserem sobreviver no novo cenário da competição global. As tradicionais barreiras lingüísticas e nacionais não são mais obstáculos à difusão dos novos modos de trabalhar e de viver. E, de fato, o jornalismo está se transformando. Já se transformou. Se crise significa doença ou morte, o jornalismo não está doente e não está morrendo. Se crise significa transformação, o jornalismo está se transformando. As empresas ou os jornalistas que não têm motivações, energias e vontades para realizar as transformações necessárias serão obrigados a retirar-se. Cada transformação, principalmente quando é radical como neste caso, provoca dores e perdas.

É difícil hoje fazer empresa editorial. Exige maiores capitais, competências mais sofisticadas, maior capacidade de "visão"; as dificuldades são maiores; é necessário saber olhar mais longe.

É mais difícil hoje ser um bom jornalista. Antes de tudo porque é necessário superar o lugar comum - difundido principalmente na Itália - de que ser jornalista é fácil. Está desaparecendo a redação, como lugar principal do seu exercício. Assim como desapareceu a fábrica industrial clássica. Já desapareceram as tipografias. O jornalista será cada vez mais um profissional autônomo, um *free lance*, ou semi-autônomo.

Vinte anos atrás elaborei um modelo para colocar em prova os componentes do profissionalismo jornalístico, individualizando um profissionalismo técnico (fácil de adquirir), um profissionalismo político (que se adquire na

prática da redação) e um profissionalismo cultural (que se adquire na formação)². Hoje, aquele modelo poderia ser reproposto, mas os conteúdos de cada um daqueles três componentes aumentaram enormemente a sua complexidade. As técnicas a serem aprendidas não são mais tão simples, e é necessário padronizá-las bem, aprendendo a usar as grandes potencialidades das novas tecnologias. Os dois outros componentes deve-se aprendê-los antes de ingressar na profissão e necessitam de cursos de formação radicalmente diversos, não somente daqueles instituídos nos últimos anos na Itália (pálidas imagens dos cursos de jornalismo existentes há dezenas de anos em quase todos os países do mundo), mas também nas mais acreditadas escolas americanas.

Ser jornalista, portanto, será muito mais difícil. Deverá ser um verdadeiro generalista, não um simples genérico ou, pior ainda, um prático de redação. E haverá necessidade de jornalistas especializados, como têm demonstrado os inúmeros problemas provocados pelas más notícias: do caso "vaca louca" ao caso Di Bella³.

Mais ou menos há dez anos comecei a refletir sobre as transformações em curso e, com referência ao modelo italiano de jornalismo, fiz minha a denominação de "post-jornalismo", criada nos Estados Unidos, para fazer alusão ao nascimento de uma nova forma do modelo italiano, capaz, desta vez, de indicar um caminho de significado menos local e mais universal. O tradicional jornal italiano estava transformando-se, seguindo a trilha das inovações trazidas por Eugenio Scalfari, do jornal *omnibus* a jornal híbrido⁴. Com tais expressões desejava denominar um tipo de jornal que, mesmo continuando a tradição italiana, podia tornar-se modelo vitorioso também em outros países. Um jornal não totalmente popular e não totalmente de qualidade, capaz de misturar gêneros e estilos diversos a fim de manter o caráter fundamental de um jornal que saiba oferecer seleções e orientações, que saiba propor-se ao leitor como um guia para o debate social.

Hoje, trata-se de identificar com mais pre-

² O texto a que se refere o autor está incluído em Bechelloni, 1982, p.30-34.

³ O autor se refere às recentes polémicas e atrapalhadas coberturas jornalísticas européias com relação a uma grave doença que atingiu, principalmente, o rebanho bovino inglês (vaca louca) e ao método de tratamento anticancerígeno desenvolvido e administrado pelo médico italiano Antonio Di Bella, que foi considerado ineficaz pelo ministério da Saúde do País, apesar de existirem várias pessoas que se dizem curadas graças a medicação adotada pelo médico

⁴ Eugenio Scalfari é tido como o idealizador do jornal *La Repubblica*, lançado em 14 de janeiro de 1976. Foi um dos primeiros jornais italianos a romper com a tradição dos jornais Omnibus (os que podem ser lidos por todos os tipos leitores, no Brasil chamamos de populares) e abriu espaço para os jornais híbridos (um pouco elitizados e um pouco populares, sem ser sensacionalista). Tais reflexões estão recolhidas em Bechelloni, 1995, principalmente nas p.35-51 e 139-158.



cisão as pistas da transformação em curso, que encontram na palavra-chave *hibridação* um ponto de referência que não concerne somente ao jornalismo, mas também a muitas das novas formas culturais ativadas pela globalização, no seu impacto com sistemas e formas culturais plasmadas nos séculos ou nas décadas das várias tradições culturais autóctones, locais ou nacionais.

Considero três as pistas da transformação, em curso na Itália e no mundo. A primeira pista é aquela que leva à dilatação do número das notícias, devido ao incremento exponencial dos sujeitos coletivos que procuram representar-se na cena dos meios de comunicação, e ao aumento de velocidade de sua circulação, devido à crescente disponibilidade dos recursos tecnológicos. A segunda pista é aquela que leva a uma crescente mistura de notícias tradicionais com novos tipos de informações ou novos gêneros de comunicação que assumem, sempre mais seguidamente, formatos jornalísticos, tornando difícil, e freqüentemente impossível, a distinção. A terceira pista é aquela que leva aos critérios de seleção que é necessário ativar para produzir os tradicionais meios jornalísticos: o jornal diário, o noticiário televisivo ou radiofônico, o *take* de agência, o semanário de atualidades.

Mas para compreender o sentido e a direção da transformação em curso é necessário colocar em prova seja o objeto do qual estamos falando (o jornalismo), seja o contexto (a globalização) no qual este opera. A análise e a discussão, de fato, tornam-se particularmente difíceis, por causa não somente das divergências interpretativas, mas também pelo uso diverso que estudiosos e profissionais fazem do léxico e das definições.

Não pretendo por ordem em uma matéria que, por tradição consolidada, foi sempre renitente às coerções da disciplina intelectual. Tentarei, entretanto, contribuir à análise e à discussão sobre o futuro do jornalismo, oferecendo uma reflexão que, unindo-se às minhas precedentes tentativas, possa servir, se não para outra coisa, para atuar na direção de um maior partilhamento lexical e conceitual.

PENSAR O JORNALISMO NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Na primeira parte do meu livro já citado (*Giornalismo o pós-Giornalismo?*), recolhi, sob o título de *Pensar o jornalismo*, cinco capítulos, cada um dos quais era dedicado ao objetivo de oferecer instrumentos analíticos úteis para pensar um objeto social difícil de pensar: o jornalismo no contexto de uma sociedade em rápida transformação. Eu apresentava naqueles capítulos - escritos todos no arco de dez anos, entre a metade dos anos oitenta e a metade dos anos noventa - os principais temas então em voga: a definição de jornalismo e de campo jornalístico, as relações entre interesses particulares e interesses gerais, o advento de uma nova opacidade social⁵, produzida pelo excesso de informação, a pluralização das opiniões públicas, a função cognitiva da atualidade jornalística, a relação entre espetacularização das notícias e mediatização da realidade, a seleção jornalística, a relação entre planetarização, mutamento cultural e novos modos de exercício da profissão jornalística.

As análises então desenvolvidas são ainda válidas e consentem a colocar em prova, com poucos acréscimos e correções, as principais variáveis que estão em jogo no momento em que procuramos compreender se o jornalismo tem um futuro e qual possam ser os seus contornos. Todavia, não é suficiente rever aqueles escritos. É necessário também levar em consideração a configuração dos processos então identificados, para tornar menos difícil a tarefa de compreender o que está acontecendo sob nossos olhos.

O que se entende por jornalismo?

A primeira questão a rever é de tipo lexical. O que se deve entender por "jornalismo"? Pode parecer estranho para muitos, mas não houve consenso sobre a definição de jornalismo. Às diversidades de acepções ligadas aos diversos modelos nacionais de jornalismo

⁵O termo *opacidade social* é utilizado pelo autor no texto original.

⁶Eu também sustentei, no passado, tal interpretação.

⁷Democracia Cristã + Partido Socialista Italiano = máfia. A frase faz uma crítica ao envolvimento de ex dirigentes destes partidos tradicionais da política italiana, com a máfia.



(americano, inglês, latino) somaram-se novas diversidades, à medida em que foi se articulando e complexificando o sistema dos meios, do qual o jornalismo faz parte. Enquanto durante o século passado, quando nascem a palavra e a profissão, o termo “jornalista” é usado quase sempre em maneira negativa, a partir deste século se afirma, principalmente na Itália, mas não somente, um uso enobrecedor do mesmo. Este termo, é usado para individualizar uma parte do campo jornalístico (por exemplo o jornalismo impresso em confronto com o televisivo), ou então uma parte dos papéis profissionais jornalísticos (por exemplo o enviado especial, o correspondente, o editor). Pode acontecer, por isto, que quando se fale de jornalismo se faça alusão somente à imprensa escrita ou a alguns papéis profissionais e não a outros. Os diversos usos da palavra “jornalista” e “jornalismo” são um sintoma das dificuldades para compartilhar uma definição comum e da tendência, dentro e fora da profissão, a estabelecer diferenças entre meios, gêneros e formatos. Diferenças que, na minha opinião, têm pouco sentido no contexto de nossa discussão.

Uma questão lexical semelhante houve durante os últimos anos com respeito a duas outras palavras-chave: “informação” e “comunicação”. Para alguns, “informação” é uma palavra nobre, usada para falar das notícias e do jornalismo, enquanto “comunicação” é uma palavra desvalorizada, usada para falar de publicidade e relações públicas. Em outros contextos, todavia, “informação” suscita uma visão transmissiva e engenhosa do funcionamento dos meios de comunicação e do jornalismo, enquanto “comunicação” suscita uma visão ritual e relacional, capaz de levar em consideração seja os destinatários das notícias, seja os contextos e as situações que caracterizam o processo de fruição.

Feitas essas ressalvas, me parece necessário, agora, propor as definições por mim adotadas. Como se deduz implicitamente de tudo o que escrevi no parágrafo precedente, o que caracteriza a atividade jornalística não se encontra no meio, no gênero ou no formato - que podem ser os mais diversos - mas na “matéria-prima” com a qual trata o jornalismo: a informação de atualidade e, também, o evento, os eventos e o conjunto de eventos, que são uma

novidade em relação à história de um assunto social qualquer, seja esse individual ou coletivo. O jornalismo é orientado para contar a/novidade/s (*news*) ou a comentá-las e interpretá-las. A definição do que seja uma novidade e de quais sejam os assuntos sociais dignos de serem contados é uma definição social, que muda historicamente no tempo e no espaço. Há quem estabeleça uma diferença entre quem conta a novidade; segundo alguns, seria jornalística somente a atividade de quem conta a novidade por conta de um sujeito terceiro em relação ao ator social, um sujeito capaz de representar um interesse coletivo geral, não particular⁶; ou então, segundo outros, seria jornalística também a atividade de quem administra uma assessoria de imprensa de uma empresa ou é porta voz de um ministro. Cada uma destas definições tem um seu significado, principalmente ético; tendo a pensar que, de um ponto de vista abstrato, seja mais esclarecedora a definição mais ampla: é jornalístico todo ato de comunicação destinado a difundir informação de atualidade (= novidade = notícia) seja sob a forma de notícia seja sob a forma de comentário, interpretação ou análise.

De fato, não se pode desconhecer que, o que mais caracteriza as nossas sociedades de final de milênio, é a tendência ao aumento do número das fontes que têm um interesse subjetivo para estarem presentes na cena social dos meios de comunicação, para serem visíveis, para fazerem escutar a própria voz. E é próprio esta tendência que torna mais complexa a cena social, mais difícil a seleção, mais imprevisível o curso dos eventos.

Segundo a definição por mim proposta, nos encontramos frente a formas de comunicação jornalísticas todas as vezes que um assunto social, individual ou coletivo, consegue atingir, com as suas mensagens, a cena pública. Na melhor das hipóteses, são “jornalísticas” também as frases escritas sobre os muros: seja aquelas endereçadas genericamente aos passantes (por exemplo a frase que se encontra já há alguns anos em frente à minha casa e que ninguém apagou: “Dc + Psi = máfia”)⁷, seja aquelas endereçadas à alvos limitados (como as tantas escritas sobre muros presentes nas cidades de todo o mundo, que servem a grupos juvenis para comunicar entre eles delimitações territoriais).

Me dou conta de que se trata de uma defi-



nição de jornalismo muito dilatada, que muitos leitores acharão incongruente. Uma definição que, à luz do exemplo feito agora, poderia soar assim: é jornalístico todo tipo de comunicação feita em local público, tendo por objeto um evento ou um conjunto de eventos que têm a característica da novidade, da atualidade; quaisquer que sejam os sujeitos autores da comunicação, a linguagem, o meio, o formato com os quais e através dos quais tal comunicação é ativada.

Somente admitindo uma definição tão ampla podemos, creio eu, compreender as implicações atuais e, principalmente, futuras da comunicação, em rede e via satélite, do seu incremento exponencial e da sua velocidade. Da mesma forma se deve entender a crescente importância de uma função jornalística para a qual há um tempo não se atribuía toda a importância que possui: aquela de seleção. Quanto maior e quanto mais acessível é a informação de atualidade, tanto mais relevantes tornam-se as funções de seleção e de interpretação, que as empresas jornalísticas devem desenvolver em função dos próprios públicos de referência; mais ou menos generalistas ou direcionados.

Pode-se acrescentar que, em base à definição por mim proposta, é mais fácil dissolver a confusão que deriva do fato que, em algumas línguas, como o italiano, o inglês e o francês, a palavra “jornalismo” serve, ao mesmo tempo, para individualizar “três diversos objetos sociais: um grupo profissional (os jornalistas), a atividade que este grupo desenvolve e as organizações em cujo âmbito tal atividade é exercitada” (Bechelloni, 1995, p.18).

Teremos, de fato, três distintos significados. Um, muito amplo, que define a atividade (a comunicação pública de uma informação de atualidade); um, mais restrito, que define uma profissão (é jornalista quem exercita em modo exclusivo ou prevalente a função de comunicar informação de atualidade); enfim, um ainda mais restrito, que define uma organização (é jornalística a empresa ou organização que comunica informação de atualidade como sua atividade exclusiva ou prevalente).

À luz dessa proposta conceitual, a questão relativa ao futuro do jornalismo pode ser melhor analisada, desmembrando a pergunta em três distintas perguntas, como veremos mais adiante.

O que se entende por globalização?

Mas, antes de procurar respostas para tais distintas perguntas, é necessário esclarecer outra questão, levantada pelo título deste parágrafo: a globalização. Já no meu livro eu levantava o tema, que então chamava “planetarização” (Bechelloni, 1995, p.37-51). Em relação ao jornalismo, a globalização tem relevantes conseqüências; contribui para modificar o contexto no qual o jornalismo se exercita em todas as três acepções acima individualizadas.

O processo de globalização é já em ato há muito tempo. Não é uma novidade dos últimos anos, como poderíamos ser induzidos a pensar pelo adensar-se das análises e pela maior visibilidade das suas conseqüências. Esse processo implica, graças à difusão das novas tecnologias, a ativação de cinco distintos, mas interdependentes, processos: a) a desterritorialização das relações sociais, através da criação de novas linguagens de comunicação, que atravessam as fronteiras tradicionais entre os estados, as línguas e as culturas; b) a pluralização dos sujeitos capazes de interagir entre eles sem as tradicionais mediações; c) a abertura de novos espaços públicos de tipo transnacional e também dentro das fronteiras nacionais; d) a experimentação de novas formas de comunicação, que recombina as diversidades, favorecendo processos inéditos de hibridação; e) o trânsito de todas as organizações, da rigidez do fordismo à flexibilidade de um pós fordismo, que está ainda formando as suas novas configurações.

Novas convergências para todos os níveis vão se delineando; uma nova mentalidade exploradora vai se construindo, principalmente entre as novas gerações, sempre mais socializadas pelas e para as linguagens ativadas pela televisão, pelo computador, pelos jogos interativos, pela multimedialidade.

A globalização, em outras palavras, significa um conjunto de processos interdependentes que, de uma parte, tornam impossível a manutenção de idiosincrasias, características nacionais e, de outra, abrem as portas para novas experimentações. Se está tendo, e ainda mais se terá num futuro iminente, uma aceleração das mudanças culturais. Para alguns isto será aceito com entusiasmo pelas possibilidades que abre, para outros será temido com preocupação



pela perda de consolidados privilégios.

Pensar o jornalismo no contexto da globalização significa, portanto, levar em consideração um conjunto integrado de transformações sociais, culturais e políticas que englobam as variáveis tecnológicas no mais geral processo de construção das novas linguagens da comunicação. Não se trata de pensar as tecnologias como prótese conjuntiva, mas sim como componentes de um único processo, que implica dilatações da esfera pública, ampliação dos territórios, redefinição dos âmbitos de realidade e da vida quotidiana dos indivíduos.

A mudança acelerada produz crescente complexidade e torna mais difícil para todos viver a cidadania, definir os diversos níveis de realidade que encerram os níveis simbólicos ativados pela mediatização das relações sociais e das definições de realidade. O mundo social, no qual e através do qual os seres humanos definem as próprias identidades e constroem a própria cultura, torna-se maior, mais aberto, mais incerto. O jornalismo, em tal contexto, torna-se, de repente, um dos atores principais da transformação, mas também o seu certificador e o seu regulador.

É ator enquanto responsável pela maior quantidade de informação de atualidade que eroga através dos sempre mais numerosos meios e canais através dos quais difunde as notícias. É certificador porque, com as suas seleções e interpretações, contribui para definir a situação e para conotá-la do ponto de vista dos valores.

Estes processos e estas transformações são vistas em modo particularmente crítico pelos intelectuais e pela maior parte dos próprios jornalistas. Sejam uns como os outros, temem a perda de consolidados privilégios e não conseguem ver as vantagens de uma inédita situação comunicativa, que potencia a capacidade de indivíduos, ou de grupos, de ativar-se, seja para tornarem-se visíveis, seja para acederem à notícias e interpretações que há um tempo eram inacessíveis para quem era colocado fora das fronteiras sociais e profissionais reconhecidas.

JORNALISMOS E FORMAÇÃO

Das definições desenvolvidas no parágrafo precedente brotam três diversas perspecti-

vas de desenvolvimento para o jornalismo.

O jornalismo, como produção de notícias de atualidade, tenderá a expandir-se, a tornar-se uma atividade sempre mais difundida, desenvolvida sempre em menor número por profissionais especializados. A utopia, por alguns cortejada no estrondo dos movimentos do pós 68, está se realizando. Ainda que com significados diversos daqueles que se desejava.

As arenas públicas vão se multiplicando sobre todos os tipos de territórios sobre os quais se desenvolve a interação social: seja os territórios "reais", da interação cara a cara, típicos da sociedade tradicional, e os do trânsito, típicos do novo tipo de socialização metropolitana; seja os territórios simbólicos, mas da mesma forma "reais", das interações mediadas e mediatizadas. O entrelaçamento entre estes territórios é já agora talmente desenvolvido, que soam verdadeiramente arcaicas as velhas distinções entre real e imaginário, que compõem as muitas lamentações contra as televisões ou as assim chamadas degenerações do jornalismo.

O jornalismo, como atividade desenvolvida por profissionais, tenderá a modificar-se e a especializar-se, mas também a expandir-se. Isto devido, principalmente, ao interesse dos diversos atores sociais - dos individuais às empresas, dos movimentos a todo tipo de organização - em obter uma visibilidade social e mediatizada controlada e guiada; em construir imagens capazes de imporem-se como sinal favorável no oceano das mensagens e das imagens. Além da atividade publicitária ou de relações públicas, continuará a desenvolver-se uma atividade de comunicação mais propriamente jornalística, baseada na notícia e na sua capacidade de impor-se sobre as outras notícias do dia. Entre os profissionais do jornalismo aumentarão, também na Itália, os *free lance*, como já aconteceu em outros países.

O jornalismo, como atividade organizada, de tipo empresarial, capaz de vender notícias e interpretações, tenderá também a diversificações e especializações, utilizando todos os tipos de meios existentes. Crescerá, com o aumento das disponibilidades de notícias de todos os gêneros, a necessidade de organizações capazes de selecionar, verificar, hierarquizar e interpretar as notícias para os vários tipos de públicos, mais ou menos gerais e mais ou me-



nos setoriais. É neste terceiro âmbito que se verificarão, como em parte já acontece nas empresas jornalísticas de meio mundo, as transformações mais interessantes, aquelas que consentirão ver crescer um tipo de profissionalismo jornalístico muito distante daquele até então circundado por uma auréola romântica.

Se verifica atualmente, e haverá ainda mais amanhã, papéis empresariais e gerenciais, de marketing e de comunicação, de especialização jornalística, que necessitarão de uma formação longa e rigorosa. Será sempre mais difícil, de fato, conseguir produzir uma informação jornalística com credibilidade, seja para os públicos gerais, seja para os públicos específicos.

De todas estas transformações, o jornalismo sairá seguramente diverso de como é hoje, principalmente na Itália. Eu tendo a pensar melhor em relação ao que ocorre hoje. Se as transformações serão acompanhadas pelo desenvolvimento de uma crítica capacidade de monitoramento das mudanças. Se, frente as necessidades de conhecimento e de formação que tais transformações exigem, se saberá responder adequadamente, investindo energias e recursos na construção de observadores e de projetos formativos diversificados. Na Itália, estamos particularmente atrasados. Mas, se soubermos compreender, poderemos ter a vantagem dos *late comers*.

Na nossa escola se fez tão pouco, e aquele pouco tão mal, para guiar os meninos(as) e os rapazes (garotas) à uma leitura "laica" do processo de mediatização da realidade, que não há o que fazer senão iniciar *ex novo* (imediatamente - n.t.) um trabalho de educação para os meios de comunicação, de *media education* ou *media literacy*, que em outros países já está se desenvolvendo há anos. Dar-se conta de que a

informação de atualidade produzida a partir das várias formas de jornalismo representa a principal fonte de conhecimento sobre o mundo social para a maior parte dos seres humanos, poderia ser um bom ponto de partida. Assim como poderia ser saudável para a nossa escola compreender que os meninos(as), no nosso tipo de sociedade, antes de aprender a linguagem da palavra escrita, já aprenderam - com os jogos, com a televisão, com o computador - outras sofisticadas linguagens de comunicação.

Fazer as contas com tais noções poderia fazer crescer o nível de sabedoria e de reflexividade, assim como a consistência do ainda escasso número de leitores críticos dos textos jornalísticos, independentemente dos formatos ou das linguagens através dos quais esses circulam no nosso mundo social.

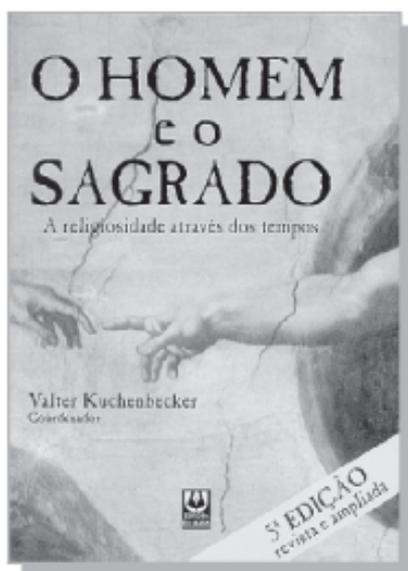
Enfim, se poderia investir mais e melhor na formação profissional - de base e avançada, generalista e especializada, universitária e extra-universitária - dos jornalistas. Seja para constituir gradualmente um corpo profissional mais culto e mais equipado, seja para por fim ao limite mais grave do nosso sistema jornalístico: o recrutamento familiar ou clientelista para o exercício da profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHELLONI, Giovanni. **A profissão de jornalista**. Napoli : Liguori, 1982.
- _____. **Giornalismo o post-giornalismo? Studi per pensare il modello italiano**. Napoli : Liguori, 1995.
- FOFFI, G., LERNER, G., SERRA, M. **Maledetti giornalisti**. Roma : Edizioni, 1997.



Tenha fé na leitura.



Conheça nossas publicações.

Um mundo de conhecimento espera por você.

Rua Miguel Tostes, 101 - Bairro São Luís - CEP: 92420-280 - Canoas/RS
Fone: (051) 477.9118 - Fax: (051) 477.9115 - E-mail: editora@ulbra.br

